
Batalha do Dragão: Comunicação e conhecimento através do RAP¹

Italo Antonio Gonçalves OLIVEIRA²

Cláudio Henrique Nunes da SENA³

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

O presente trabalho aborda o processo de comunicação e suas consequências no cenário da Batalha do Dragão, manifestação cultural oriunda do movimento Hip Hop, que utiliza o conhecimento para dar espaço ao jovem se expressar através da competição por rimas de improviso sobre temas de cunho social, histórico e cultural. A troca de experiências vividas e combinadas com a bagagem cultural de cada MC demonstra a heterogeneidade do RAP e todas as suas possibilidades de abordagem perante os percalços da sociedade. A partir dos componentes que estão envolvidos na batalha, faz-se presente a análise do sujeito que se expõe na condição de rimador e é afetado de diferentes maneiras pelos processos inseridos na Cultura Hip Hop.

PALAVRAS-CHAVE: batalha de rap; comunicação; cultura hip hop; experiência; jovens.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como intuito apresentar a Batalha do Dragão como propulsor de comunicação e transformação entre os jovens, uma vez que se acredita que esta dá voz aos participantes e ao público, além de gerar a construção do pensamento crítico. Esse evento se caracteriza com uma manifestação cultural inserida no movimento Hip Hop. O seu principal veículo de comunicação é o RAP em forma de improviso, onde os participantes precisam rimar sobre temas específicos e ganhar a aprovação do público e dos jurados.

O diferencial da batalha pesquisada se dá pelo fator “conhecimento”, pois diferentemente de outras batalhas do circuito de Fortaleza, este evento possui um código

¹ Trabalho apresentado na IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Graduado do curso Curso de Publicidade e Propaganda da Unifor, e-mail: italoagoliveira@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da Unifor, e-mail: claudiohns@gmail.com

de conduta respeitado pelos envolvidos. Os temas tratam de aspectos sociais, políticos e históricos. Nas canções improvisadas, a rima é priorizada e a desqualificação do adversário é evitada.

Para a realização da análise sobre a batalha e toda sua pluralidade que afeta o jovem, foi o necessário um estudo bibliográfico envolvendo teóricos que já pesquisaram sobre o tema e produziram em diversas plataformas. O trabalho aqui proposto dialoga com os conceitos dos autores Ricardo Teperman e Ana Lúcia Silva Souza sobre a vivência da cultura hip-hop como um todo até chegar nas batalhas de rap. Recorreu-se também às ideias do autor Roberto Camargo, que traz a formação do pensamento questionador ao relacionar RAP com política no seu mais amplo significado.

O ponto de vista do processo comunicativo e de aprendizado contido na Batalha do Dragão é inserido através da obra organizada por Elaine de Andrade, onde exemplifica-se com ações semelhantes o desenvolvimento das ações ocorrentes no meio do RAP. As proposições do autor Daniel Tejera também foram trabalhadas como fonte de relato de experiências e diálogo com outros autores e áreas, trazendo um olhar heterogêneo à pesquisa.

Para a realização da pesquisa, foi feito um estudo em campo de caráter exploratório, por meio do qual analisou-se um único grupo, a fim de perceber sua estrutura social e a relação de seus integrantes (GIL, 2008). Ao analisar os dados subjetivos e as perspectivas de todos os inseridos no contexto, a pesquisa consiste em uma natureza qualitativa, onde, segundo Godoy (1995), devem-se considerar os panoramas relevantes. Desenvolvendo-se a observação não participante durante cerca de um ano, investigaram-se o meio e os participantes da Batalha do Dragão com maior proximidade.

Compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos (MATTOS, 2011, p. 51).

A partir da análise praticada sobre tudo que envolve a batalha, foi realizada uma coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas com a organização e os MC's que participam do evento, no intuito de trazer elementos para dialogar com a proposta do trabalho que consiste na metamorfose e no processo de interlocução do jovem diante do RAP.

Esse método se configurou como opção mais viável devido às condições do local que é vivenciado como uma manifestação cultural, onde as pessoas estão em um estado de concentração nos duelos e descontração com o seu desenrolar.

Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (Selltiz et al., 1967, p. 273).

Dessa forma, os depoimentos coletados foram transcritos e analisados com a base teórica escolhida para relacionar o trabalho e, de forma posterior, foi realizada a análise documental dos versos contido nas rimas dos batalhadores.

1. MOVIMENTO HIP HOP COMO VETOR DE TRANSFORMAÇÃO

A fim de situar o leitor sobre onde está enraizado o tema deste artigo, foi necessário investigar o responsável por abrigar e potencializar tudo o que hoje engloba RAP no que diz respeito ao conteúdo das rimas e da postura dos MC's. Assim, seguindo seu percurso, o Hip Hop se movimenta: servindo de plataforma para impulsionar formas de comunicação e dar voz ao jovem da periferia.

A história do movimento inicia-se em meados dos anos de 1970, no Bronx, distrito da cidade de Nova Iorque, habitado majoritariamente por negros de renda extremamente baixa, trazendo consigo a herança do período da escravidão e, posteriormente, à ocupação em massa dos grandes centros urbanos.

Para adentrar mais no contexto histórico e social da época, é fundamental mencionar o ativismo de outras pessoas e movimentos que, na década anterior, corroboraram para o surgimento do Hip Hop, tais como Martin Luther King, Malcom X,

os Panteras Negras e os Black Power. Todos tinham o intuito de reivindicar melhorias e igualdade para os negros.

Diante dessa combinação de fatores que efervesceram nas ruas de vários guetos americanos, foi no Bronx onde as condições da comunidade resultaram em uma ação organizadora para unir atividades ligadas à arte e, assim, incorporar um movimento sólido. Atividades estas advindas de diversos campos, como: canto, dança, pintura e manipulação de melodias musicais, que devido à estrutura precária dos lares e à falta de programas sociais que alcançassem os jovens, foram condensadas nas ruas, que uma vez ocupadas, converteram-se em um polo alternativo de produção cultural da época (SOUZA, 2011).

Em meio ao turbilhão de manifestações culturais, uma figura foi responsável por ordenar todos esses elementos que configuraram um meio completamente heterogêneo. Segundo Teperman (2015), o músico Afrika Bambaataa idealizou o movimento Hip Hop, com a percepção que as atividades praticadas por seus participantes os afastavam da violência promovida pelas gangues, pois na visão de Bambaataa a energia do jovem poderia ser canalizada para competições envolvendo música, dança e artes visuais ou como foram absorvidas no contexto e transpostas em quatro elementos: DJ, MC, Break e grafite.

A partir da adesão da comunidade às atividades ligadas ao Hip Hop, em 1977, é criada a Zulu Nation, primeira organização que visa levar os ensinamentos contidos no movimento para outras culturas. Dessa forma, proponho como inovação do meu trabalho a discussão sobre um ponto o qual:

Bambaataa passou a defender a existência de um “quinto elemento” na cultura hip-hop: o conhecimento. A ideia é um contraponto à redução do rap a um produto de mercado, reforçando a sua potencialidade como instrumento de transformação (TEPERMAN, 2015, p. 27).

Sobre os quatro elementos pré-Zulu Nation, é importante salientar a ligação com os campos artísticos, pois mesmo que todos estejam interligados, cada um reserva suas peculiaridades. O Break surge como um derivado do Funk, mas com o objetivo de

resolver as desavenças entre membros de gangues por meio de competições de dança e não com atos violentos (CAMPOS, 2007).

O grafite, por sua vez, está atrelado às artes visuais como “um texto multissemiótico, que mescla o verbal e o não verbal, com diferentes técnicas e estilos para intencionalmente interferir na paisagem urbana” (SOUZA, 2011, p. 76). Assim, utilizam-se técnicas de pintura e desenho por meio de rolos, pincéis e sprays, com o objetivo de dar voz ao jovem periférico.

Em direção à vertente sonora do Hip Hop, temos a figura do DJ, responsável pelo som mecânico o qual, segundo Oliveira (2015), foi “importado” da Jamaica junto com os Sound Systems, que consistem em um sistema de som móvel que permite a propagação da música em ambientes abertos, como ruas e praças. Dessa maneira, é possibilitada a aglomeração, bem como a ocupação de espaços públicos.

O RAP ganha vida sendo rimado pelo último dos quatro elementos, o MC (Mestre de Cerimônia), e pode ter sua composição escrita ou feita por improviso, sendo consideradas dois tipos de técnicas diferentes não configurando como requisito o domínio total das duas juntas para ser considerado um Rapper. O MC, geralmente, rima seguindo uma base dirigida pelo DJ, onde seus versos precisam se encaixar em um fluxo que traga harmonia à composição, caracterizando-a como RAP. Isto posto, “em outras palavras, o RAP é uma manifestação da linguagem falada incorporada a uma melodia que trabalha uma base rítmica repetitiva” (TEJERA, 2013, p. 26).

Para dar prosseguimento ao RAP inserido na cultura Hip Hop, faz-se necessária a análise não somente das técnicas de rima e métrica, mas também do conteúdo, que ainda com a finalidade de coibir a violência entre jovens, é propagado de maneira provocativa, a fim de dar continuidade ao modus de Afrika Bambaataa, transformando a energia que iria para a violência em música.

Assim como todos os elementos, o MC também se faz presente na rua, ocupando os espaços públicos para difundir a sua música. Graças aos primeiros Sound Systems anteriormente citados e, hoje, aos modernos equipamentos de som, podemos presenciar manifestações culturais as quais, anteriormente, seriam utilizadas como palcos para o mal caminho.

Diante do histórico competitivo do Hip Hop, uma das maneiras que o RAP mais se difundiu foi em forma de batalhas, que não se tratam de uma invenção do gênero musical ou muito menos do século XX, pois “historiadores como Johan Huizinga e Peter Burke citam jogos de improviso verbal das mais diversas tradições ao redor do mundo: na Polinésia, na Sicília, no Japão e na Suécia” (TEPERMAN, 2015, p. 14). Fato que, na atualidade, os grandes artistas vivem de gravações e shows, mas no meio *underground* o êxito é alcançado de outra maneira.

As batalhas de MC’s já são organizadas há algumas décadas, bem como todos os elementos contidos no movimento Hip Hop, mas só a partir da década de 1990 é que o tom de críticas sociais ganhou destaque principal no meio, justamente na época em que o gênero musical mais se popularizou no Brasil.

Nas principais capitais do Brasil, principalmente em São Paulo, os desafios de rima acontecem nos espaços públicos da cidade. Organizado por jovens que acreditam no ideal do movimento Hip Hop, as batalhas de MC’s são duelos entre participantes, cujo objetivo é mostrar ao público presente, quem tem a maior capacidade de, num tempo de aproximadamente 40 segundos, se impor sobre o outro através da sua técnica e habilidade com o ritmo e com as palavras. O fato do “rimador” utilizar na sua criação fatos que aconteceram recentemente - desde notícias da semana até a cor da roupa do adversário - impressiona quem comparece para apreciar este tipo de arte, que é também um jogo, cuja principal ferramenta é a criatividade e bom desempenho com as palavras (TEJERA, 2013, p. 29).

À vista disso, chegamos ao ponto em que o quinto elemento, o conhecimento, cruza o caminho do MC em uma batalha de rima e chega ao ponto de análise deste artigo, uma vez que o estudo propõe a investigação da comunicação recorrente em uma batalha de conhecimento. Em evidência o emissor, a mensagem e o receptor, bem como os possíveis ruídos nesse processo de troca.

O indivíduo que participa como MC se coloca na situação de emissão de conhecimento para seu adversário e para o público na hora da rima, ganhando não só pelo conhecimento aplicado, mas pela veracidade de referências contidas no seu verso.

Para os integrantes do Hip Hop, o fundamental é elaborar uma mensagem pessoal. Por esse motivo, são conhecidas as dificuldades

daqueles que não passaram pela experiência da localidade em legitimar-se no grupo (ANDRADE, 1999, p. 31).

A partir deste ponto de vista, podemos observar o impacto no âmbito pessoal em cada participante, pois o processo de assimilação e reflexão se dá em conjunto com as experiências vivenciadas por cada um em seu contexto específico. Por mais que alguns MC's venham da periferia, cada um se diferencia articulando as mazelas enfrentadas por todos com as referências pessoais, bem como o linguajar e as expressões que caracterizam cada um.

2. AS VOZES E RIMAS DA BATALHA DO DRAGÃO

O presente trabalho se aprofundou na Batalha do Dragão, Roda Cultural de RAP, realizada no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, onde jovens competem através da rima sobre quem possui o maior conhecimento em determinado tema, sorteado antes de cada embate. Todos os temas selecionados são de cunho histórico, político ou social e têm o objetivo de fazer com que os participantes estudem e reflitam antes de cada evento, pois o avanço para a vitória vai além da métrica e do *flow* (GONÇALVES, 2017).

O cenário fortalezense das batalhas de RAP é extenso e diversificado, mas principalmente dividido na periferia. Em sua maioria, as rodas de RAP são organizadas por grupos envolvidos na cultura Hip Hop e ativismo social, buscando dar voz para os jovens se expressarem e a ocupação de espaços públicos que estão em situação de abandono ou pouco ocupados, a fim de transformar o local em um espaço de exposição, uma vez que assim são caracterizados “lugares demonstrativos, onde se afirmam valores, comportamentos, direitos e se conformam atitudes” (GOMES, 2013, p. 247).

O que foi abordado neste estudo são as possibilidades que o jovem encontra para se comunicar através da batalha de conhecimento que busca complementar o que não encontraria na sua casa, bairro ou escola, pois “a educação como se pode perceber tem como objetivo possibilitar a apropriação das criações humanas. É, também, uma atividade social e histórica que se realiza nos múltiplos espaços da sociedade” (SCHERER, 2010, p. 250). Atrelado a este raciocínio, é possível elaborar uma crítica ao

sistema de educação nacional, que devido a um método tradicional e não inclusivo, deixa a desejar para quem não se encaixa em seus padrões e necessita de um sistema de aprendizado alternativo.

Ao dar continuidade à investigação, é possível identificar todos os fatores discutidos anteriormente no conteúdo das rimas dos jovens competidores envolvidos na Batalha do Dragão, mas antes de adentrar no conteúdo é necessário explicar algumas regras impostas e outras implícitas que tornam o ambiente fluido, possibilitando maior troca de comunicação e experiências.

A batalha ocorre mensalmente e conta com, no mínimo, cinco edições por ano, tendo sido as últimas edições realizadas com o confronto entre duplas. As inscrições são presenciais e efetuadas até cerca de 30 minutos antes do início por ordem de chegada. Previamente, são sorteadas as chaves e é dado início ao combate em forma de disputas eliminatórias.

Durante seu verso de aproximadamente 45 segundos, o jovem, que responde pelo apelido de Iraquiano, rima sobre classes sociais, explana sua vivência desde a infância e compara com aspectos da vida de pessoas de classes mais favorecidas.

Cara, cara, cara, sabe o que me deixa puto dessa vida, mando na disciplina enquanto eu tô na calçada, eles é banho de piscina. Sabe por quê? É na jogada, minha infância toda foi usando droga lá na calçada, e o rico, e o rico irmão? As escolas deles igual escola da Malhação. Novo mundo, sabe por que é verdadeira? E eu cresci lá na escola do Isabel Ferreira. Sabe por que tu não se ilude? Minha infância toda comendo Cream Cracker com Bat-gut. Tá olhando o quê? Aí, meu chapa, tá ligado é o meu proceder. Sabe por que eu mando um recado? Elas não curtem um Playboy, é um magrinho tatuado... Sente a ironia, Iraquiano chega honrando a periferia. Sabe por que e já condiz? Eles ganham mais de cem mil e com Bolsa Família eu sou feliz. É isso que eu te falo, parceiro não desiste, é classe social. Favela vive (IRAQUIANO, 2018, BATALHA DO DRAGÃO).

É possível analisar versos com alto teor provocativo, mas não para o seu oponente na batalha e sim para os oponentes na escala social. Também, é pertinente mencionar o orgulho que o MC demonstra por suas raízes, pois, mesmo sendo mais desfavorecido, mostra autoestima para seguir em frente com as diferenças entre classes.

O tom de crítica não muda e, independentemente do tema sorteado, o MC não sai da linha desconstrutiva e comparativa, tendo como parâmetro os principais causadores das injustiças sociais. Para ilustrar a recorrência dos ataques proferidos pelos competidores ao “sistema”, podemos acompanhar o verso do MC Felipe, no qual ele avalia a reforma do ensino médio.

Reforma, compadre, eu vou falando em cada verso que eu chego improvisando. Aqui refletindo é bom falar, se liga que a reforma quer tirar filosofia e história da grade curricular. Até porque me proibiram de pensar. Como é que pode? Eu tô falando a verdade. Bando de político querendo me parar, fazer eu parar de refletir a sociedade. Mano aí não tem fundamento, eu tô aqui e o MC que não reflete sobre o social. “Cumpade”, aí meu irmão, eu vou falando, o MC que não reflete, claro, só termina mal. Eu tô mandando aqui e cada verso que eu canto e canto, parceiro eu nunca saio do meu canto pra falar besteira. Parceiro aí, meu mano, a perna não treme, eu queria na minha frente o Michel Temer. Pra quê? Não vou falar, é muito violento. “Cumpade”, meu mano, é sem caô, quero reforma na grade curricular? Não. “Cumpade”, aí meu mano, quero estudar pra ser um professor (MC FELIPE, 2018, BATALHA DO DRAGÃO).

Percebe-se que o MC investe em um tom de críticas severas às medidas adotadas pelo Governo que, indiferentemente do público concordar ou não, é importante comunicar o assunto e, a partir disso, gerar uma discussão entre adversários e espectadores, seja na roda cultural, seja em outro local, em momento posterior. MC Felipe, em determinado ponto, relaciona Filosofia e História, temas debatidos de forma direta e indireta na batalha, com a capacidade de reflexão e o uso deste método para o rimador, assim fechando o circuito de proposta da Batalha do Dragão: unir a reflexão do tema, geralmente formado por aspectos sociais, com a desenvoltura na rima.

Assim como o verso anterior, além das críticas, podemos observar algumas expressões que auxiliam a conexão entre as rimas, recursos esses que cada MC configura ao seu dispor para encontrar maior facilidade. MC Felipe, no caso, usa sempre para dar continuidade ao raciocínio as expressões “cumpade”, “parceiro” e “meu mano. Ao observar o verso como um todo, está presente o componente do aprendizado que a Batalha do Dragão oferece ao seu público e participantes, pois no conteúdo de todas as

rimas estão explícitas informações que tornam o processo comunicativo agregador para emissor e receptor.

As manifestações também dialogam com a área social sob perspectivas diferentes, pois são interligados fatores que contribuem para elevar o nível da discussão proposta pela batalha. Para corroborar com esse movimento, MC Guetho, ao ser sorteado para rimar sobre dinheiro, elabora uma linha de raciocínio que liga o recurso financeiro ao consumo descabido e à própria violência que está presente como consequência em maior parte dos temas.

Olha só, dinheiro não compra a nossa banca, capital inicial, e eu não falo de banda. Olha só e é o capitalismo, parceiro aí, iludindo, o consumismo. Olha só, e o verso aqui é sequela, foi o dinheiro que comprou bala na favela. Olha só, é isso aqui, então é postura, parceiro, um verdadeiro MC. E, pô, eu chego e não sou falso, parceiro, sou tipo Marechal, não quero dinheiro, entro descalço no palco. Pode crer, parceiro, minha voz sonora, bem alto. Na verdade, mano, meu verso aqui é verdadeiro, porque não dá pra comprar com dinheiro. Na verdade, o verso sai sem medo, foi sem dinheiro nenhum que eu conquistei respeito. Olha só, é isso aqui, então eu vou mandando pesado, é só no free. Na verdade, mano, grana traz felicidade, tudo bem, mas ele vem com prazo de validade (MC GUETHO, 2018, BATALHA DO DRAGÃO).

As conexões estabelecidas deixam claro a visão do competidor sobre até onde vai as benesses do dinheiro e os entraves que isto pode causar. Dessa forma, auxilia na compreensão dos ouvintes que possam ter um olhar diferente sobre o tema.

Para expandir o ciclo de possibilidades que podem ser abordadas e discutidas na batalha de conhecimento do Dragão, é relevante mencionar a aclamação da cultura Hip Hop e seus elementos. Nesse caso, o tema escolhido foi um dos quatro elementos iniciais: o grafite, que junto com o quinto elemento, o conhecimento, foi abordado como arte que torna a periferia capaz de se expressar.

Eu começo com esse cara, porque o tema é grafite, porque tu sabe que eu tô pronto pro bang bang. É grafite, aquilo é uma arte, na favela eles perdem mais cor do que rua manchada de sangue. Aê, você sabe, meu mano, não pega essa. Por isso que eu chego, agora não me estressa. Porque é grafite, a rua é nós. É grafite, uma arte muda que representa bem mais que a voz. Porque você sabe, né mano, o que é referência?

Contigo, agora eu bato continência. Pode ser pixo também, porque abala as estruturas, porque tu sabe o que é pixo com as rima nas alturas. Porque você não pega essa fita pra trás. Por isso que eu chego pra rimar e não sair mais. Porque, mano, você sabe é muito treta, eles dizem que é abstrato só porque os moleque brinca com as letra. Aí, coisa que ninguém entende. Por isso, ganhar de mim, você só pretende. Porque o tema pode ser só grafite. Aí, você sabe, mano, que essa é só a sessão, não importa como for. Hip-hop, grafite, não importa, tudo é forma de expressão (MC IZEL, 2018, BATALHA DO DRAGÃO).

A partir da inclusão de novos elementos com os mencionados anteriormente, podemos contemplar as conexões estabelecidas pelo MC Izel, entre grafite, arte, pichação e a cultura Hip Hop, como um todo, sendo forma de expressão. Também é oportuno lembrar que todas essas composições de improviso sobre os mais variados temas trazem novas discussões a todos os receptores da mensagem, pois, neste processo comunicativo, o emissor também é receptor, uma vez que é necessário certo nível de reflexão para rimar sobre temas que requerem conhecimento.

3. TRANSFORMAÇÕES DO SUJEITO A PARTIR DA BATALHA DO DRAGÃO

Neste tópico, serão apresentadas as mudanças ocasionadas em diferentes âmbitos na vida dos participantes, de forma direta ou indireta. Uma vez que, para integrar o corpo de MC's aptos para batalhar, o jovem precisa se preparar com antecedência para atender os requisitos para aprovação do público e do jurado, em caso de desempate.

Este tipo de preparo pode ser realizado de várias maneiras, conforme a aptidão de cada postulante, e o que está posto em discussão é como os mesmos usam esse poder de escolha para acumular um maior número de informações e repassá-los de forma concisa e fluida para os ouvintes.

Assim, o Rapper Erivan Produtos do Morro, um dos idealizadores e condutor da Batalha do Dragão, tratou de elucidar os principais atores e motivações que possibilitam a manifestação cultural em questão:

A Batalha do Dragão é um veículo muito importante, principalmente para jovens da periferia. Porque é onde todos se reúnem para exercer suas rimas, pois a batalha é de conhecimento. Então a gente incentiva muito a rapaziada a estudar. A batalha não tem só homens rimando, também tem mulheres e estamos sempre incentivando, dando um apoio, premiações com gravações. É um point, onde se reúnem todas as tribos. A gente tem a parceria do Centro de Arte e Cultura Dragão do Mar e o Produtos do Morro REC e, eu particularmente, acho muito bom essa história acontecer espero que a batalha ainda renda por muito tempo. Porque daqui, além dos caras ganharem premiações em forma de gravações, eles podem, depois da música gravada, seguir carreira como cantor, juntar mais músicas e ser o primeiro passo para deslanchar no meio do mundo. Porque na verdade a gente só precisa do incentivo e o Dragão do Mar abriu esse espaço. Estamos muito felizes com essa parceria (ERIVAN PRODUTOS DO MORRO, 2018, BATALHA DO DRAGÃO).

Ao comentar sobre as motivações sobre as circunstâncias e estímulos que potencializam todos os processos envolvidos na batalha, podemos afirmar que os elementos fundadores do Hip Hop como forma de comunicar, ainda, entrelaçam-se na sociedade na sua mais pura forma, vindo da base para protestar contra o topo. E o fator conhecimento se faz determinante para formar os jovens na cultura de rua.

Para ir ao encontro do discurso do organizador do evento, faz-se necessário investigar como todo o procedimento é recebido e assimilado pelo jovem, pois, por mais que cada um tenha técnicas e bagagens culturais diferentes, a batalha é um local que os envolvidos podem comunicar e trocar essas experiências de modo que o aprendizado captado seja tão relevante quanto o conteúdo informativo passado de forma tradicional.

A partir do depoimento de um MC de batalha, podemos compreender melhor os efeitos que o Hip Hop, o RAP em específico e o “estar” na batalha podem provocar na vida dos integrantes desta manifestação cultural:

Salve! Mikael Maia Penha. Nas batalhas de MC's, conhecido como Pajé MC. Pois é, na batalha de MC's, eu me sinto muito mais livre, pô. Porque ela me ajuda a esquecer do meu cotidiano e ao mesmo tempo lembrar dele só que usar ele como inspiração para rimar e tal, porque no hip-hop a gente expressa mais a nossa realidade, entendeu? É aquele momento em que a gente se livra da realidade da favela, da dureza que a gente passa na favela, do “baculejo” que a gente leva dos “cana”, entendeu? Porque muitas das vezes têm muitas batalhas que a gente vai que a polícia aborda a gente, às vezes chama de vagabundo,

mas a gente tá mesmo só fazendo uma arte, se liga? (MC PAJÉ, 2018, BATALHA DO DRAGÃO).

Ao relatar os impactos que as batalhas de MC's acarretam na sua caminhada em direção à realização pessoal, o MC Pajé pontua que o movimento tem o poder de desempenhar duas atividades opostas no seu interior: esquecer as mazelas do seu cotidiano, mas ao mesmo tempo o fazer lembrar para servir como ânimo e inspiração. Desse modo, é visto que o RAP precisa propor discussões em suas composições, pois só assim levará seu autor à construção de um pensamento crítico (ANDRADE, 1999). Outro fator também deve ser pontuado: a repressão policial e resistência quanto à caracterização artística, já que os dois, agregados, contribuem com a marginalização do movimento e do sujeito.

Sobre o ponto de vista que envolve a construção da rima, o MC Pajé revela uma técnica de estudo que comprova a instrumentalização do RAP como forma de comunicar um conteúdo adquirido depois de refletido e articulado com a sua bagagem cultural.

Um método que eu uso muito é pegar um livro, passo 20 minutos lendo esse livro e tal, livro de cultura, livro de história, livro de folclore. Depois passo uma hora e 20 minutos rimando sobre tudo aquilo que eu aprendi no livro, que é a base do 20 por 8, que é 20 minutos de estudo por 80 minutos de rima. Técnica doida (MC PAJÉ, 2018, BATALHA DO DRAGÃO).

Desta maneira, também podemos observar quais métodos são utilizados para se chegar à uma absorção e fixação de conteúdos previamente escolhidos e que, posteriormente, virão a ser cobrados no improviso ou em algum outro processo de criação cultural desempenhado por todos os afetados pela batalha.

Também, torna-se plausível a teoria de que exista uma preparação caracterizadora de fundamentação, o que tira a possibilidade de quem queira diminuir ou reprimir o movimento. Uma vez que um projeto esteja agregando valores para os jovens, é necessário respeitá-lo por mais que não use práticas tradicionais, pois se os

envolvidos estivessem satisfeitos somente com os meios usuais, não buscariam a Batalha do Dragão como válvula de escape.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Movimento Hip Hop, em sua totalidade, já abre espaço para uma discussão em diferentes aspectos e pontos de vista os quais podem ser considerados inesgotáveis. O que este trabalho se propôs a fazer foi recortar um elemento e aprofundar o debate em um exemplo prático onde os componentes pudessem ser analisados em sua forma mais autêntica.

É razoável concluir que a análise da Batalha do Dragão cumpre os requisitos de uma pesquisa acadêmica, contudo, para dar continuidade ao trabalho, é necessário um prolongamento que, possivelmente, será realizado em outras oportunidades.

Para uma próxima etapa, seria pertinente uma análise de dados demográficos, culturais, sociais, entre outros, a fim de relacionar a informação quantitativa com dados subjetivos e qualitativos para aumentar as opções de caminhos a serem seguidos pela pesquisa. Ainda, ao mesmo tempo, poderia ser feito um mapeamento de outras rodas culturais, traçando comparativos entre os eventos, a fim de poder tomar nota do desenvolvimento do tema em outras praças com contextos semelhantes, porém com territórios e até códigos de condutas diferentes.

Por último, pressuponho que esta pesquisa também afete outras pessoas e aguce a busca por aprofundamento em um mesmo tema ou assuntos semelhantes, pois é interesse de todos os envolvidos direta ou indiretamente no meio do RAP que o segmento seja desmistificado como movimento de apologia às drogas e à violência, uma vez que as rimas têm o mesmo intuito deste artigo: retratar a realidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Elaine Nunes de (Org.). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.

CAMPOS, Cristina Maria. **Rua e Escola: O Hip Hop como movimento porta voz dos sem vez**. 2007. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p.20-29, maio/jun. 1995.

GOMES, Paulo César da Costa. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GONÇALVES, Rôssi Alves. Rep e repressão: uma rima quebrada. **Música Popular em Revista**, Campinas, v. 1, n. 5, p.54-69, jul./dez. 2017.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de (Org.). **Etnografia e educação**: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

OLIVEIRA, Roberto Camargos de. **Rap e política**: percepções da vida social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2015.

SCHERER, Cleudet de Assis. Contribuição da música folclórica no desenvolvimento da criança. **Educativa**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGGE, Goiânia, v. 13, n. 2, p.247-260, jul./dez. 2010.

SELLTIZ, Claire et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, 1960.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

TEJERA, Daniel Bidia Olmedo. **RAP**: o duelo de rimas no cotidiano do jovem. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**: as transformações do rap no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.